

Tradução mal feita de “La Trama Alternativa” da Giusi Palomba.

A cultura do reprimir online e a série *I May Destroy You* (157 – 165)  
Novas masculinidades (172 – 192)

Se há uma série verdadeiramente transformadora, que encena muitos dos temas que tento abordar nestas páginas – desde a ineficácia do binômio vítima/agressor até o fracasso do sistema judicial, desde o papel das redes sociais até a resolução de conflitos, desde a importância do controle sobre a própria história por parte de quem sofreu o abuso até as possibilidades e estratégias de cura de traumas – é *I May Destroy You: Trauma e Renascimento*, da genial Michaela Coel, autora, atriz e roteirista britânica. *I May Destroy You* é escrita de maneira excelente e consegue penetrar no coração da cultura millennial, falando de comunidade, sexualidade, gênero e da negritude britânica nestes anos complexos. A história, inspirada na biografia da própria Coel, que durante as filmagens de *“Chewing Gum”*, uma produção anterior, sofreu um abuso, explora com perspicácia e extrema graça a pervasividade da violência de gênero em todos os âmbitos, sem evitar tocar em temas dolorosos, como a violência entre homens gays. Arabella é uma jovem autora negra muito conhecida nas redes sociais, que vive na zona de Hackney em Londres, e que tenta se recuperar após um estupro ocorrido após uma noite no bar com amigos, facilitado por drogas adicionadas à sua bebida, e do qual inicialmente não se lembra de nada. A protagonista tenta entender como pode se recuperar, como pode se reencontrar, depois que a sua imagem se fragmentou em mil pedaços, estressada por pressões externas e internas, perdida junto com uma memória que ressurge aos poucos. A força dos personagens que se revezam na história está na sua profundidade e nas múltiplas facetas: ninguém é bom ou mau, certo ou errado, um bom amigo ou um mau amigo, pelo menos até que as lentes das redes sociais intervenham para julgar todos os comportamentos através destes opostos. Quando a polícia informa Arabella que não conseguiram encontrar seu agressor e que seu caso foi encerrado, ela vive uma profunda crise de sentido que a leva a se reconciliar com a parte obscura e complexa de suas emoções em relação à violência. A história é em grande parte o relato dessa reconciliação, antes e depois do encerramento do caso, que tropeça nos obstáculos mais óbvios e naqueles que demoram mais para se revelar. Para estar ao lado de Arabella, os amigos desde o início organizam um intenso programa de atividades de autocuidado. É Terry, a melhor amiga, quem marca os tempos. Mas o que acontece se o autocuidado e o amor-próprio obsessivamente invocados se traduzem apenas em ações mecânicas, sem envolvimento, documentadas com hashtags, stories e postagens no Instagram das quais Arabella não consegue se desligar? O tempo para realmente se deter, ouvir os sinais do corpo que sofre, e permitir-se observar realmente a extensão da ferida chega apenas depois, quando se abre outro espaço: o de um grupo de sobreviventes que compartilham histórias de seus próprios abusos, dos quais Arabella se torna uma das participantes mais envolvidas. O feedback das outras sobreviventes, o retorno dessas vozes que falam olhando-a nos olhos, nutre a consciência de Arabella muito mais do que uma lista mecânica de atividades e de um público desconhecido que a observa pelo buraco da fechadura das redes sociais sem que ela possa vê-los. Porque, como já dissemos, a resposta ao trauma não é sempre a mesma, e todas as nuances de sentido e da dor não podem ser resumidas em palavras iguais para todos, como num jogo de pingue-pongue do qual não se pode escapar jamais. Michaela Coel começa nessas cenas a penetrar na conturbada relação com as redes sociais, às quais dedicará muito mais espaço, ilustrando as formas como podem interferir nos

momentos de crise, e investigando sua evolução no pós-#MeToo. Quando, durante uma entrevista, perguntam-lhe sobre o porquê da gráfica animada do título – "I May Destroy You" é primeiro digitado por completo, mas depois "You" desaparece, é apagado – Coel oferece uma não-resposta: «Eu posso destruir você. Ou posso destruir a mim mesma. Posso me tornar completamente irresponsável e destruir qualquer coisa ao meu redor. Quem é que pronuncia a frase "I May Destroy You"? Como para todo o resto, quero deixar a liberdade de interpretá-lo autonomamente. Eu não tenho uma resposta certa, e é neste espaço de incerteza que quero estar como criativa». As nuances dessa incerteza desejada, procurada, não por acaso contrastam com as cenas do episódio intitulado "As redes sociais são uma ótima forma de se conectar", em que Arabella explora o poder das redes sociais que não admitem inseguranças. No mundo online tudo é certo, é certo ou errado. Quando Arabella descobre que seu caso foi encerrado pela polícia, aquela dor não expressa encontra nas redes sociais o canal de desabafo mais imediato. A recompensa é altíssima, mas o ruído gerado, a pressão do engajamento, da necessidade de produzir continuamente conteúdos e participar nos debates em voga, provocam ansiedade e afetam a saúde. Arabella sofre de pressão alta por causa do estresse. A adulação, a devoção, transbordam para o real criando uma falsa imagem de si mesma; e as redes sociais, e o feminismo filtrado através delas, fornecem ferramentas precisas para alimentá-la: uma linguagem com palavras de ordem bem precisas, práticas e modos difundidos de intervenção e comentário. Arabella lê a palavra doxing e tem que procurar no Google: é a prática de publicar online o endereço do próprio agressor. Uma lágrima escapa, e não sabemos se é a dor reprimida dela, mais um dos envelopes cheios de memórias dolorosas que ela fecha com força e enfia sob a cama, como costuma fazer, ou a consciência de ter ido longe demais. Coel nos faz perceber toda a ferocidade na avalanche das interações sociais, e a facilidade com que, perseguidos por essa avalanche, se pode perder de vista os próprios pontos firmes e correr rápido demais – um ritmo impossível para pensar claramente – mas mantendo ainda assim a postura da extrema segurança de si exigida pela vida online. As redes sociais podem ser uma incrível ferramenta para fazer as pessoas se sentirem finalmente conectadas, amadas, encorajadas ou podem se tornar uma ferramenta destrutiva e autodestrutiva. Muitas vezes, ambas as coisas ao mesmo tempo. Definir-se vítima/sobrevivente online e organizar todas as atividades em torno de uma identidade que se torna quase monolítica coincide com a conquista de um poder que mantém outras pessoas presas, aquelas que se reconhecem no mesmo relato da violência de gênero, finalmente reconhecida, não mais silenciada. Esse poder pode ser facilmente ampliado e levado ao extremo. A vítima/sobrevivente se torna uma criatura santificada, nunca contradita, justificável em qualquer ação. É aqui que Coel explora a evolução dos discursos online em torno das denúncias públicas de abuso no pós-#MeToo, e se pergunta como todo esse trabalho emocional, no final, afeta ou às vezes interfere no processo de cura. As denúncias nas redes sociais, comumente conhecidas como call out, nascem para expor publicamente homens poderosos que cometeram violência, mas são tão eficazes que se tornam um modo comum de interação, não uma exceção, mas a regra. E podem ser dirigidas também a pessoas próximas, de mesmo nível, partes de comunidades afins. Durante a pandemia, essa necessidade de gerar tráfego em torno dos conflitos tornou-se evidente. E os conflitos online têm como efeito colateral, mais ou menos procurado, atrair milhares de seguidores, um retorno tão vantajoso que às vezes obscurece o preço. Em 2020, adrienne maree brown publica um texto intitulado «Unthinkable Thoughts: Call Out Culture in the Age of Covid-19». O artigo gera um amplo debate e leva ao nascimento de um livro intitulado "We Will not Cancel Us. And Other Dreams of Transformative Justice". Junto com as cenas de IMDY, as palavras de adrienne

maree brown são a representação perfeita daquele desconforto que senti em Barcelona, quando o grupo feminista externo ao processo transformativo decidiu que era necessário seguir os caminhos conhecidos diante do abuso de Bernat: expor, na família, no trabalho, no bairro. Desconforto que se repetiu em todas as experiências semelhantes anteriores, como as cadeias de WhatsApp que não encontravam outra reação senão os comentários sarcásticos de outros homens. E ao voltar a esse trecho de vida real, me invade um tremor. Porque sei bem que a chamada cancel culture é um enquadramento usado pelas direitas mais grosseiras, e não só, para silenciar a necessidade generalizada de justiça social. É o «não se pode mais dizer nada». Mas é real também o desconforto que ressurgue pontualmente diante de chamadas online, exposições na praça pública de pessoas que, no fundo, são afins. Chamadas muitas vezes desnecessárias, diante de crises e conflitos que poderiam ser uma oportunidade para repensar as formas como nos relacionamos, que drenam todas as energias que poderiam ser gastas na busca de alternativas.

Durante a pandemia, esta prática tornou-se exasperante. Escreve adrienne maree brown: «Notei uma tendência punitiva a enraizar-se e a prosperar nos nossos movimentos. Senti que estávamos a perder a capacidade de distinguir os aliados dos opositores, que estávamos a perder a nossa capacidade de gerar pertença».

A exposição pública já não diz respeito apenas a homens poderosos, não é mais, como escreve precisamente adrienne maree brown, «uma estratégia brilhante para pessoas marginalizadas combaterem o poder, uma forma de pressionar corporações, instituições e abusadores por parte de indivíduos ou grupos oprimidos que não conseguem parar a injustiça ou exigir responsabilização sozinhos», mas envolve pessoas comuns, próximas, talvez empenhadas nas mesmas lutas. E acredito que, uma vez que isto fique claro, seja possível finalmente abrir espaços e desenvolver a capacidade e a honestidade de distinguir os objetivos de quem usa a cultura do cancelamento para avançar uma agenda repressiva – ou, pelo menos, uma idiossincrasia mal disfarçada para as formas do ativismo contemporâneo – daqueles de quem tem vontade de parar e entender o que está a acontecer-nos e de que forma certas práticas estão a sabotar e influenciar a eficácia das nossas lutas.

As chamadas online, que se tornam rapidamente virais, são hoje utilizadas também para «humilhar e envergonhar as pessoas diante de mal-entendidos, contradições, conflitos ou erros», escreve ainda adrienne maree brown. O que é isto senão uma deriva punitiva que se impõe como única solução? A grandeza de IMDY está também em afirmar e tornar visível o poder destrutivo dos novos meios de comunicação, e demonstrar que a dor e o trauma podem distorcer as perspectivas e conduzir-nos a decisões completamente em contraste com o bem-estar pessoal e coletivo. Quando Arabella se desconecta das redes sociais, recupera as nuances de sentido que havia perdido pelo caminho. Sem ser didática nem moralista, Coel demonstra que o caminho para a cura não prevê certezas, mas momentos às vezes desagradáveis que só podem ser enfrentados muito longe da realidade cortada a direito das redes sociais. Só depois de apagar todas as suas contas, Arabella encontra tempo e maneira de abrir os envelopes fechados debaixo da cama, onde escondeu recordações que não queria mais lembrar, sensações que não queria ter experimentado, e reencontra a criatividade de pensar nos finais alternativos da sua história. Isso só pode acontecer então: quando a história do seu abuso volta às suas mãos, quando recupera o controle que havia perdido no momento em que se entregou à polícia. Ao

apresentar diferentes finais paralelos, ativa-se uma espécie de jogo de espelhos entre a vida de Arabella, a da autora Coel e as aventuras da protagonista do livro que Arabella está a escrever.

Os finais alternativos de IMDY não são apenas artifícios cinematográficos, mas mostram o amplo espectro de possibilidades concretas diante de um abuso. No primeiro final, a raiva de Arabella toma conta e, com a cumplicidade das suas amigas, ela encontra e finalmente mata o seu agressor, deixando-nos a questão: quem é agora o criminoso? Num outro cenário, o seu agressor acaba por revelar os seus traumas de infância, declarando ser ele próprio uma pessoa abusada. Arabella convida-o para sua casa e conforta-o. Ele responde dizendo: «Se não tens medo de mim, eu não sei mais quem devo ser». Sem a violência, o agressor já não sabe mais identificar-se, e Arabella concede-lhe escuta e compreensão e juntos investigam as raízes da violência até aos abusos sofridos no passado pelo homem. É o final que dá ao homem o espaço de uma transformação. É o que talvez mais se aproxima do cenário de um processo reparativo ou transformativo. Embora num cenário possível apenas na ficção cinematográfica, onde certamente estão ausentes todas as figuras e pressupostos que seriam necessários.

Num outro final, a diretora mostra-nos o quão desorientadora seria a clássica cena de um flerte no bar se a protagonista tivesse o controle, se os papéis de género fossem invertidos: é o homem que dança e se esfrega na mulher, é uma mulher que oferece uma bebida ao homem. E, ao mudar os papéis, muda também a percepção do poder a que estamos habituados nas relações. Uma mulher que oferece uma bebida a um homem não carrega consigo a ideia de que quer fazer-lhe mal, um homem que se esfrega dançando numa mulher parece não carregar consigo todos os «ela pediu por isso» a que estamos habituados.

No último final, Arabella fica em casa com o seu colega de quarto, manso e solitário, escolhendo refugiar-se na amizade e provavelmente preparando-se para o lançamento do seu livro. O círculo fecha-se e liga-se ao início da história.

Não posso deixar de notar que em nenhum destes cenários controlados pela protagonista a prisão é uma opção, eliminada em primeira instância pela incompetência das forças policiais que não conseguiram encontrar o seu agressor, mas também marginal em relação à busca de justiça e de sentido.

Em duas latitudes completamente diferentes, com pontos de partida e chegada seguramente diferentes, a história de Arabella e a de Mar concentram muitas energias num tema crucial: não deixar que outros definam o sentido da própria história, pois a perda desse controle pode prejudicar o processo de cura. Só tomando as rédeas da situação, pedindo ajuda e apoio segundo os seus próprios tempos, as duas mulheres conseguem fechar o círculo ou, melhor, deixar que mil outros se abram, na forma de alternativas, prontas para desafiar o que é dado como certo.

Volto mais uma vez para "I May Destroy You" para falar sobre o personagem de Kwame, o melhor amigo de Arabella. A ele, Coel confia as ansiedades, as alegrias e as tensões de um jovem gay da geração milênio, que entrelaça a exploração de sua sexualidade e intimidade com as dinâmicas dos aplicativos de namoro como o Grindr. Em certo momento, porém, Kwame conhece Malik, ou melhor, seu pseudônimo "hornyman808", e um encontro que deveria ser apenas de sexo casual se transforma repentinamente em violência. Malik ordena que Kwame se deite, então o empurra para a cama e o violenta. "O que posso fazer? Sou um garoto mau", diz a ele quando finalmente o solta. Kwame sai do apartamento e depois do prédio, abalado e confuso. Por causa da obrigação internalizada de corresponder à imagem da masculinidade negra sempre forte e imperturbável, Kwame ficará preso por um bom tempo na dificuldade de admitir que sofreu violência. Levará meses para ele compartilhar com uma de suas melhores amigas e muito mais tempo para reconciliar-se com a ideia de que algo realmente traumático aconteceu com ele. Dado que a polícia não dará importância ao seu relato e considerando a escassa recompensa social que receberia por se expor como sobrevivente (afinal, ele é tudo menos a vítima perfeita), a dificuldade de Kwame em lidar com sua dor aumenta. O contraste surge da proximidade com Arabella, que, enquanto isso, está construindo sua imagem social em torno de sua experiência traumática, entre as ondas daquela tempestade de estímulos em que a deixamos algumas páginas atrás. A resposta ao trauma de Kwame é igualmente errática e caótica, mas não recebe nenhum apoio incondicional; seu processo de lidar com o trauma é uma experiência mais solitária. Esses três retratos parecem estar muito distantes um do outro, são homens que vêm de tempos e geografias diferentes, que vivem opressões e têm ambições e sonhos completamente diferentes. Mas o que têm em comum um homem subalterno do Sul da Itália, às vezes difícil de lidar no círculo íntimo de sua família, um escravista escocês do século XVIII que exerceu violência em todos os aspectos de sua vida, e um jovem da Londres de hoje lidando com pressões e opressões identitárias e sociais, é a dificuldade de se sentirem, verem-se, serem percebidos como vulneráveis. É o fato de que não há outro modo para eles serem homens senão através do distanciamento de seus sentimentos e, às vezes, até dos sentimentos das pessoas ao seu redor. Talvez Kwame seja o único com acesso a uma saída: porque está ao lado de amigas que, neste exato momento, estão trabalhando em si mesmas, mesmo que desajeitadamente, mesmo que tenham muito a aprender, e porque mesmo que Kwame esteja encaixado em certas expectativas como homem negro, como homem gay ele sempre pode escapar de outras. E a oportunidade surge com outro de seus encontros arranjados no Grindr, a partir de um encontro que interrompe o ciclo, alguém que coloca o dedo na peça que não para de girar em busca de algo que não se sabe bem o que é. É um homem que não pede sexo, mas prepara comida para ele, faz perguntas sobre sua vida, o convida para uma exposição: não responde à mesma frenesi dos encontros habituais, quer entender como se conectar no nível da intimidade. E é a esse homem que Kwame finalmente consegue pedir o que realmente precisa após o trauma do estupro: um simples abraço, um momento de cuidado. O sentido de invulnerabilidade é um pedido implícito que a sociedade faz aos homens, como se fosse a única forma de interagir, a única esperada, muitas vezes até transversal à classe, porque ninguém os chamou para prestar contas de suas ações ou investigou e explorou como esse traço estava se desenvolvendo: nem as mulheres nos círculos íntimos, para meu avô; nem a sociedade como um todo para Sir John Wedderburn, uma sociedade baseada na mesma dominação capitalista e racial que ele expressa em menor escala nos

relacionamentos domésticos; nem as amigas para Kwame, especialmente quando têm dificuldade em perceber que ele também sofreu um trauma. O sentido de invulnerabilidade dos homens é um dos requisitos fundamentais do patriarcado. Em 2004, bell hooks escreve "A Vontade de Mudar", um livro nascido para "imaginar alternativas para a masculinidade patriarcal", e é com essa urgência que a autora decide falar sobre os homens e seu relacionamento com o amor. Nestas páginas, hooks argumenta que o feminismo, ou pelo menos alguns feminismos, às vezes tiveram dificuldade em lidar com os sentimentos dos homens, e essa dificuldade foi parte da impossibilidade de imaginar uma nova sociedade. hooks escreve: "Nos primeiros escritos do feminismo radical, expressava-se raiva e até ódio pelos homens, mas não havia nenhum esforço sério para propor como lidar com esses sentimentos, para imaginar uma cultura de reconciliação em que mulheres e homens pudessem se encontrar e imaginar um terreno comum. O feminismo militante autorizou as mulheres a liberar raiva e ódio contra os homens, mas não nos permitiu falar sobre o que significava amar os homens na cultura patriarcal, entender como poderíamos expressar esse amor sem medo de sermos exploradas e oprimidas". É claro que não é necessário ser homem para colaborar com o patriarcado, todos os gêneros se expressam em uma cultura que incentiva a amplificação do poder masculino e nem sempre conseguem escapar disso. No entanto, modificar essa cultura pode ser impossível sem um trabalho com os homens e sem o trabalho dos homens. "Os relacionamentos dependem da capacidade de reparar as rupturas inevitáveis": é Carol Gilligan quem fala. A professora de Humanidades e Psicologia Aplicada da Universidade de Nova York é uma das vozes no documentário "Beyond Men and Masculinity", dirigido por Alex Gabbay em 2020, que investiga o distanciamento dos homens de sua própria vulnerabilidade e emotividade. Esta perda de conexão ocorre na total indiferença e não se reconhece mais a gravidade disso. Hoje finalmente podemos falar sobre violência de gênero, mas ainda não somos capazes de entender de onde vem, não apenas nos homens individuais, mas coletivamente. Gilligan diz que as crianças começam cedo a perceber uma perda de conexão com outras pessoas, o que não acontece com as meninas: geralmente é permitido às meninas pedir e receber carinho e atenção dos pais e expressar abertamente suas emoções até a idade adulta. Às crianças é exigido, cada vez mais insistente com o passar dos anos, que não chorem, que sejam independentes, que reprimam a necessidade de contato, e é aí que, quando desejam e não podem expressar isso, começam a sentir um sentimento de perda. E a sentir vergonha desse desejo que aprendem lentamente a reprimir. Com o tempo, o afastamento do mundo emocional para muitos se torna total, e nesse ponto é quase impossível restaurá-lo. Esse afastamento torna o relacionamento irreparável, diz Carol Gilligan, e reconhece nesse passo uma questão crítica, que conecta a vida individual à coletiva. Se os homens não conseguem mais sentir empatia, tomam decisões que não levam em conta os sentimentos dos outros, e é aí que "todo tipo de opressão é possível". Gilligan se refere ao surgimento de autoritarismos e fascismos e, em geral, à violência difundida: "O patriarcado mina o que é essencial para a democracia. A democracia é baseada em premissas de igualdade: todas as vozes devem ter o mesmo peso. Mas se uma for mais forte do que a outra, os conflitos não podem ser resolvidos em um relacionamento. Nesse ponto, a voz mais forte vencerá". Segundo a autora, ser homem hoje significa sentir-se em um degrau superior às mulheres. E quando as mulheres e todos os outros sujeitos que não são os homens dominantes buscam igualdade, essa busca é percebida como uma ameaça à virilidade. E então: "Se a virilidade está ameaçada, a violência é iminente. É um quebra-cabeça que precisamos resolver". Por isso, afirma Gilligan, é necessário entender como implementar a mudança sem causar mais violência, sem desencadear o restabelecimento da estrutura patriarcal. Nessa desconexão

dos sentimentos dos outros reside provavelmente a dificuldade mais aguda de trabalhar com os homens, porque para um homem não é imediato o reconhecimento de seu impacto no mundo. Isso é amplamente demonstrado pelo trabalho com os homens nos processos de responsabilização, cheios de solavancos e hesitações, regressões e negações. Leva muito trabalho reabrir o espaço da emotividade, exatamente porque foi negado por tanto tempo: quando o prestígio e o poder conseguem erguer muros suficientemente altos e impenetráveis, é possível passar uma vida inteira sem ter ideia dessa perda de conexão, sem ser mais afetado por nada. E como Mithu Sanyal também observa em "Rape: From Lucretia to #MeToo", ignorar tudo isso é um erro: "No debate sobre violência sexual, é importante não subestimar como os homens foram alienados de suas sensações e sentimentos, porque pessoas em contato com seus sentimentos são mais capazes de notar os sentimentos nos outros e, conseqüentemente, respeitar seus limites". Mas é bastante difícil passar o longo tempo necessário para a transformação ao lado de alguém que não tem ideia da natureza do privilégio que encarna e da opressão que muitas vezes perpetua. É por isso que geralmente o que se faz com os homens é um trabalho em duas fases: primeiro um processo de educação e formação, depois um processo terapêutico. Primeiro o conhecimento da cultura que criou essa masculinidade tão inclinada à violência e depois a reflexão pessoal: o que há em mim dessa cultura, como posso eu desativar e desertar pelo menos um pouco disso tudo? Apesar de ser um trabalho extremamente tortuoso, já começou, em vários níveis, com várias abordagens, com mais ou menos sucesso. Talvez essa relação entre os homens e o resto do mundo não seja realmente irreparável. Ou pelo menos alguém está tentando lançar as bases para entendê-la.

Negli ultimi anni si inizia a sentire parlare di circoli di autocoscienza maschile e di uomini femministi. E a volte mi chiedo: ha senso che gli uomini si definiscano femministi? Andrés Montero, Presidente della Sociedad Española de Psicología de la Violencia, dice: "Um homem pode "estar no feminismo", mas não "ser feminista"". E continua: "Se um homem, provavelmente em contato com o feminismo, fosse suficientemente consciente do modelo social no qual foi educado e do seu papel no sistema patriarcal; se, além da consciência, tivesse aprofundado a teoria feminista; se, após o aprofundamento, tivesse realizado um constante exercício introspectivo e corretivo para erradicar práticas consolidadas e recorrentes de pensar, sentir e agir; e se além disso se engajasse em seus comportamentos diários em ações diárias para a igualdade de gênero... se todos esses condicionais se cumprissem, talvez então teríamos um homem que se aproxima de estar no feminismo".

Segundo Montero, os homens que se declaram feministas deveriam refletir mais sobre o significado dessa autodefinição e manter uma certa cautela e uma vigilante autocritica, porque "como acontece em todo sistema de opressão, quem detém privilégios pode tomar consciência deles e deixá-los para trás, mas esses privilégios se expressam em automatismos comportamentais que não são fáceis de reconhecer". Montero dá exemplos práticos de comportamentos masculinos bastante comuns: "Será difícil para ele aceitar mulheres dirigindo e manter um perfil subordinado ou secundário; custará a ele pensar que o conhecimento não é dele, mas delas; ele terá que se esforçar muito para permitir que as mulheres expressem suas opiniões, ouvindo-as e não assumindo a liderança; ele será constantemente assolado por impulsos egocêntricos de protagonismo; em pouco tempo, pensará que já sabe o suficiente sobre o feminismo; e, em última análise, acabará exigindo ser o exemplo e o modelo de algo". Montero diz que isso não faz justiça às exceções, sempre haverá, mas o homem que se declara feminista "continua programado no

patriarcado e, mais cedo ou mais tarde, manifestará tiques comportamentais e hábitos tóxicos, que destacam que, longe de ser, ainda está".

Pelos motivos listados por Montero, e não apenas por eles, a insistência em se apegar à palavra feminista às vezes me preocupa. Porque o rótulo em certos casos parece funcionar como um mecanismo de defesa - "olha, eu sou feminista!" - e porque quando começamos a ir fundo, percebemos que trabalhar em si mesmo é um processo longo, cheio de recaídas, feito em espaços desconfortáveis, que é um pouco o trabalho que cabe a quem quer entender uma experiência que não vive na própria pele. Então, qual é a prioridade, poder se dizer feminista ou o desejo de alcançar um resultado útil e compartilhado?

Os homens que se declaram feministas são mais desejáveis em certos ambientes, como se se destacassem mais porque a deserção da cultura patriarcal ainda é, no final das contas, rara. Os homens que falam publicamente sobre feminismo, que se mostram pais atenciosos ou que realizam tarefas domésticas recebem elogios e apreciação, como se ainda hoje fosse algo inesperado.

Na Catalunha e no País Basco, os círculos de autocoscienza masculina são uma realidade ativa e difundida, e também é mais difundida a ideia de que na verdade, olhando mais de perto, não se trata exatamente de um passeio, mas de um trabalho nem sempre agradável e que certamente não traz muitos benefícios.

No grupo Alcachofa, onde Azpiazu milita há alguns anos, há homens muito diferentes, especialmente em termos de identidade e orientação, embora todos sejam do Norte global. Em seus encontros, eles escrevem textos que depois lêem juntos, refletem sobre o significado das palavras, de certos sentimentos e medos, sobre o que podem e não podem fazer como homens, e sobre o que significa se definir como tal. Eles tentam trabalhar em questões centrais como privilégio, consentimento e sexualidade, e questionam sua relação com a violência e com o feminismo. Às vezes, são convidados por outros coletivos a compartilhar suas experiências. Azpiazu lembra com carinho uma das lições mais importantes que aprendeu com esses encontros, ou seja, os muitos comentários de seus companheiros de grupo pedindo para ele não falar por muito tempo. Até hoje, para se lembrar disso durante os encontros e apresentações de seu livro, Azpiazu configura um temporizador ou leva um post-it consigo que o lembra de parar: "Cállate un rato, anda!".

Como que para dizer, a consciência do espaço que os homens ocupam nas conversas deve ser enfrentada e compartilhada mesmo entre os homens, parando de normalizá-lo. Após um período de discussões e debates internos, o grupo decide se abrir para a esfera pública e começar a "fazer algo". Os homens são convidados para festas alternativas em Sant Andreu e entrevistados pela revista Masala, uma revista de informação, denúncia e crítica social de Ciutat Vella. Essas aparições causam muito alvoroço, Alcachofa começa a receber alguma atenção da mídia, e os convites para intervenções públicas se multiplicam. Os membros do grupo começam a perceber que seria muito fácil aproveitar esse interesse: seria suficiente aprender algumas coisas sobre feminismo de cor e ir por aí recitando-as como um mantra, sem se atualizar ou discutir com ninguém. Azpiazu descreve os sentimentos que ele e alguns outros membros do grupo têm quando percebem que estão indo na direção oposta à que procuravam: surpresa e forte desorientação. Em suas reuniões, os homens do Alcachofa falavam sobre desempoderamento, ou seja, o fato de refletir sobre si mesmos significava ceder poder, visibilidade, questionar-se, e parece que



agora está acontecendo exatamente o contrário. É nesse ponto que Azpiazu lança as bases para uma discussão sobre a visibilidade dos grupos de homens e sobre os riscos envolvidos em alcançá-la.

Em 2008, ele volta ao País Basco e durante suas pesquisas começa a observar como os homens se relacionam com o feminismo, as diferenças com a Catalunha nas iniciativas sobre o tema e qual contribuição ele próprio pode dar ao debate. Ele começa a observar a representação do "bad boy" nas produções audiovisuais, consciente de quanto isso é influente entre os jovens, e a se perguntar se algo mudou em relação a alguns anos atrás. Com todos esses insights em mente, ele começa a escrever seu livro. Até mesmo a própria publicação de um livro sobre masculinidade representa algo para se refletir. É a mesma contradição sobre a visibilidade que reaparece de outras formas, mas que o sociólogo expressa abertamente durante suas reuniões. Ele quer fazer algo útil com isso, como usar a exposição midiática para falar sobre os riscos mais comuns enfrentados ao trabalhar em grupos de homens e compartilhar algumas ideias para quem embarca nessa jornada. Porque abandonar a masculinidade hegemônica não é o fim do trabalho.

Nos primeiros anos de 2000, no País Basco, havia pelo menos uma dúzia de grupos de homens ativos online que promoviam debates públicos. No mesmo período, um programa do governo chamado Gizonduz foi financiado, uma iniciativa do Instituto Vasco da Mulher - Emakunde ainda ativa hoje, com o objetivo de envolver os homens em processos de autocoscienza e participação, e lidar com a desigualdade de gênero. Azpiazu, como pesquisador, começa a se interessar muito por essa iniciativa em seu país, analisando suas características e participação. Mesmo aqueles grupos convocados pelo governo local alcançam uma visibilidade muito alta e recebem leituras sensacionalistas e triunfais da mídia. Os grupos são frequentados principalmente por homens heterossexuais brancos, observa Azpiazu, interessados principalmente na questão da paternidade, muito mais do que os homens no grupo barcelonês, que é diferente e mais variado em composição. A discussão sobre paternidade se resume à satisfação de se sentir envolvido nas tarefas domésticas, buscar as crianças na escola, fazer compras, lavar louça. O sociólogo observa que a discussão sobre masculinidade parece mais fácil de iniciar e mais participativa quando se trata de crescimento pessoal, satisfação individual, e se afasta de ser uma questão de justiça social. O risco concreto nesse caso é que se torne uma moda. E modas são naturalmente passageiras: quando deixam de ser atrativas, são abandonadas.

As críticas de Azpiazu visam evitar que a discussão sobre masculinidade se torne um reflexo em um espelho que não mostra nenhum defeito, que serve apenas para aumentar o capital pessoal, o dos jovens homens contemporâneos que se veem e se descrevem como iluminados. Uma das questões a serem consideradas é a relação que os homens têm com a masculinidade hegemônica. Assim como a mulher não é um sujeito universal, o homem também não é, e a classe, a raça ou características percebidas como virilidade definem as relações de poder dentro do mesmo gênero. Foi em 1982 que Raewyn Connell introduziu pela primeira vez o conceito de masculinidade hegemônica, ou seja, aquela que exerce poder.

Isso ocorre porque o binômio masculinidade/feminilidade, tão rígido e binário, não era mais suficiente para descrever o espectro complexo de todas as interações entre gêneros e relações de poder. A masculinidade hegemônica tem seu impacto, o mais deletério de todos, mas também existem muitas outras formas de masculinidade, aquelas que, como

observa Connell, não são recompensadas pela sociedade, que as considera menos desejáveis. Azpiazu, no entanto, contra-ataca e diz que o modelo de virilidade que é tomado como exemplo quando se fala de masculinidade hegemônica é quase caricatural, e para os homens torna-se fácil evitar identificar-se e declarar: "Não todos os homens", "não eu". Quando um homem musculoso, que não se importa muito com a aparência, que se expressa de forma considerada vulgar, pouco apresentável, porque é impróprio, considerado grosseiro em seus comportamentos, torna-se violento, agressivo em suas atitudes ou ações, não há dificuldade alguma em reconhecer seu machismo. Mas diante de alguém que abusa de seu próprio poder usando ferramentas intelectuais, por exemplo, alguém capaz de controlar e manipular apenas com palavras, a questão se torna mais complicada. Se o homem machista é apenas aquele que corresponde à primeira imagem, então todos os homens que se afastam disso terão muita dificuldade em perceber que fazem parte do problema, e será fácil para eles se distanciarem. O estereótipo é muito forte para servir de espelho. Um trabalhador da construção civil do sul da Itália, com maneiras grosseiras e com apenas educação básica, não necessariamente tem comportamentos mais machistas do que um professor universitário de uma prestigiada universidade do norte, bem vestido e respeitado por todos. Um jovem negro alto e muito atlético da periferia de Roma não é necessariamente mais machista do que um jovem branco e magro de classe alta do centro de Milão. São estereótipos que poucos têm interesse em desconstruir, especialmente nestes anos em que são usados para gerar consenso em torno de políticas de extrema direita, que agora, a partir de posições institucionais na Itália, direcionam as massas na mesma direção de sempre: manter o poder e a dominação patriarcal. Outro ponto que Azpiazu sugere para não perder contato com o discurso feminista contemporâneo é não esquecer das condições materiais. Embora muitos mais homens estejam refletindo sobre si mesmos, na prática, o que realmente mudou para as mulheres? Elas têm mais tempo do que algumas décadas atrás? Quantos homens realmente tiram licença paternidade? E em áreas tradicionalmente masculinas, algo mudou ou a pluralidade de gêneros ainda não é representada? Certamente, não é o suficiente; até uma mulher de direita pode chegar ao poder e arruinar a vida de muitas outras mulheres, mas a invisibilidade não é um bom ponto de partida para a mudança. Além disso, enquanto o feminismo avançou muito nos debates sobre representação, são pouquíssimas as reflexões masculinas sobre o tema, como se nem fosse percebido. E ainda: quais são os espaços nos quais os homens abandonam o companheirismo masculino? Homens que expressam posições feministas em espaços nos quais essas posições são populares hoje frequentemente aumentam seu prestígio social. É um fato que gera uma recompensa imediata, que não está presente em espaços desconfortáveis e difíceis, em família, entre amigos homens, ou onde não há público. Não é por acaso que o discurso da paternidade responsável seja um dos mais comuns em grupos de homens, porque, no fim das contas, é um modelo que traz felicidade e serenidade aos homens interessados em questões feministas. Mas o discurso sobre o cuidado dos idosos, por exemplo, tem a mesma importância? Ou é percebido como algo que traz menos prestígio e autossatisfação e, portanto, é menos abordado? É preciso começar de algum lugar, e Azpiazu não nega nem subestima o trabalho desses grupos, mas também propõe evoluções praticáveis, uma das quais é a criação de laços tangíveis com o feminismo e com espaços feministas. Sem esperar que as mulheres façam o trabalho de orientar os homens na direção certa, mas questionando continuamente os perigos do autorreferencialismo. Por exemplo, mantendo-se atualizado sobre a agenda política feminista, sobre o que está sendo discutido, os progressos e a perda de direitos em curso, as batalhas sendo travadas, e acompanhando o

ritmo fazendo um trabalho paralelo. Azpiazu cita, por exemplo, a questão da guarda compartilhada dos filhos, uma questão que com muita frequência cai nas mãos da chamada "Manosfera", uma rede online mais ou menos estruturada de comunidades masculinas que culpam as mulheres e as feministas por todos os problemas da sociedade. São espaços obscuros nos quais a misoginia se transforma em assédio organizado e em um claro desenho de narrativa cultural antifeminista. A Manosfera dedica atenção especial a essas ferramentas legais que podem ser usadas em benefício próprio para desacreditar as mães e garantir poder sobre elas. Um dos princípios que na Itália é frequentemente instrumentalizado é o da coparentalidade, uma norma introduzida no ordenamento jurídico italiano em 2006 pela Lei n. 54, e depois ratificada pela Corte de Cassação. A norma consiste na ideia de que os filhos de pais separados têm "o direito de manter uma relação equilibrada e contínua com cada um deles, de receber cuidados, educação e instrução de ambos e de manter relações significativas com os ascendentes e parentes de cada ramo parental". Portanto, a guarda compartilhada deve sempre ser preferida à exclusiva. O relacionamento com os filhos deve ir além da conflituosidade dos pais, mas a parte problemática está justamente neste ponto: a natureza dessa conflituosidade, as relações de poder existentes entre as partes, a possível disparidade de condições materiais. Não são consideradas. Em vez disso, afirma-se uma equivalência absoluta e bastante ingênua na divisão das responsabilidades em situações de conflito entre os pais: as partes em conflito são consideradas perfeitamente iguais. E em uma sociedade onde temos picos tão altos de violência masculina, tratar este assunto superficialmente significa, na verdade, ser cúmplice de possíveis manipulações do sistema judiciário. Não é difícil imaginar como um princípio que soa razoável na teoria, na prática, se transformou em uma ferramenta frequentemente usada por homens separados como uma arma de chantagem contra as ex-esposas. Na Manosfera, também se desenvolvem instrumentos legais que, em certos casos, ganham terreno na opinião pública, como a suposta síndrome de alienação parental (firmemente rejeitada por uma recente decisão da Cassação, mas que já se estabeleceu nesse imaginário), até mesmo à figura da mãe malévola. Ambos são exemplos italianos, mas os princípios estão espalhados por todo lugar. É um mundo de homens que fabricam patologias e condições que encontram eco em uma cultura profundamente misógina, assim como na ignorância e distração geral. É também dessas derivações que Azpiazu fala quando menciona a espinhosa questão da custódia conjunta e quando questiona os grupos que encontra sobre como desconstruir a toxicidade desse ativismo contra as mulheres. São necessárias energias, tempo e atenção; a situação já é muito grave, mas, como Azpiazu afirma, é algo em que se pode focar nos grupos de homens envolvidos no feminismo. Concordo com ele sobre a necessidade de um mapeamento muito prático dos problemas. Ainda não existe um discurso sobre custódia conjunta que deixe de se basear na posse e na dominação da infância, e comece a lidar com questões materiais como a divisão do trabalho doméstico, o cuidado com as relações e a capacidade de resolver conflitos nas famílias. Em relação à Manosfera em geral, são necessários observadores, estudos e práticas de saída organizadas por outros homens. Por enquanto, parece que estão aumentando as análises e considerações sobre sua natureza e os métodos com que se organiza na rede. Os grupos de autoconsciência masculina estão aumentando em número, mas para a grande maioria dos homens, é uma experiência muito distante de seu horizonte. O que frequentemente serve como catalisador é a influência de outros homens que já trabalharam muito consigo mesmos e conseguem aproximar outros. Muitos homens nunca tiveram espaços reais de confronto, escuta ativa e compartilhamento, nunca puderam explorar o altíssimo potencial de transformação de um trabalho de desconstrução ou

terapêutico. Às vezes, apenas pela dificuldade de se considerarem vulneráveis. Essa dificuldade torna os grupos onde prevalece a demonstração de força muito mais atraentes, em continuidade com a cultura dominante. Sergio Barrientos é um facilitador, treinador e terapeuta, com vasta experiência no papel de liderança em projetos de justiça social, e é membro fundador do Go Deep Project, que há anos se dedica a esclarecer a relação entre homens e violência.

Barrientos é autor de uma obra auto-produzida, meio visual e textual - não sei se definir como ensaio, história em quadrinhos, instrumento educativo: "About Men" é todas essas coisas juntas - projetada para investigar as razões que impedem os homens de aceitarem críticas e de assumirem a responsabilidade por seu uso e abuso de poder. Uma investigação que Barrientos tenta conduzir começando consigo mesmo. Como em uma espécie de diário, ele anota ou ilustra as reações emocionais em situações de gatilho, de estresse. Ele descreve também a facilidade com que, sendo homem cis, pode evitar se relacionar com este trabalho. Ser homem é exatamente o oposto de enfrentar a dor, evitar dificuldades: "Sendo homem, e especialmente branco, posso fugir sempre que quiser, posso escapar das minhas responsabilidades". São as primeiras notas com as quais Barrientos inicia sua investigação, baseada em episódios banais de sua vida cotidiana, como um comentário pouco amigável, mas bastante inofensivo. "Você conseguiu se sujar de novo!", diz alguém a ele. Nesse ponto, começa a essência de seu trabalho: ouvir as reações físicas e emocionais. Barrientos para e tenta entender o que sente em seu corpo e em sua mente. E se pergunta: Em que momento é difícil para mim receber uma crítica, um feedback negativo? O que acontece no exato momento em que o recebo? Tudo isso acontece só comigo? Tem a ver com o fato de ser homem? Bem, algo acontece com ele, e não é inicialmente compreensível: a tensão e a propensão ao conflito aumentam, raiva e irritação se intensificam, mas externamente o homem nega que qualquer coisa esteja acontecendo, a impressão de fora é de uma extrema frieza. Primeira nota importante: a desconexão entre a reação interna e a externa. Barrientos reconhece que esse acúmulo sem sentido de raiva lhe causa dor, e tem a coragem de conectá-lo a eventos de sua infância, talvez a traumas passados. Seu trabalho continua com a busca de conexões entre reações e expectativas em relação a si mesmo, como homem. A dificuldade em se mostrar fraco ou perturbado, apesar da tempestade emocional interior; a necessidade de abandonar os espaços onde a crítica é expressa; a adoção de um comportamento de ringue: ganhar a batalha ou fugir, aqui no sentido de evitar e não responder, sair pela tangente. Ele reconhece como homem a pressão para se mostrar poderoso, incorruptível. Reconhece as reações desproporcionais que relaciona a uma preocupante incapacidade de lidar com as emoções que o atravessam. "O que há por trás de toda essa raiva?", pergunta-se em "About Men". E, como sugere o nome de sua organização, ele tenta ir mais fundo: "Uma insegurança essencial, uma constante necessidade de provar que sou melhor do que os outros. Uma cultura que me pede para ser de certa maneira sem levar em consideração quem eu sou." Os homens privilegiados em nossa sociedade desfrutam da maior fatia de poder social e estrutural, continuam a ter reações desproporcionais diante de qualquer um que os critique ou os questione, sentem um senso injustificado de ameaça, contraditório precisamente pela quantidade de poder que acumularam historicamente. São os automatismos de que falava Andrés Montero, caminhos obrigatórios do patriarcado, como em um diagrama de reações mecânicas programadas sem um ponto de partida. E enquanto Barrientos traça os contornos, sem conhecer a origem precisa, ele recupera a dor dessa conexão perdida com o mundo emocional: "A humanidade do homem foi danificada por gerações devido ao uso e abuso do poder. A humanidade, a beleza, a espiritualidade da masculinidade foram

danificadas a ponto de quase parecerem não existir mais." Mas essas conclusões tão sombrias são na verdade o testemunho de que essa conexão pode ser restabelecida, e que o relacionamento com o resto do mundo não é necessariamente irreparável. Terminarei com algumas linhas de outro relato, trechos de um texto escrito por um membro do grupo Alcachofa, que com palavras diferentes segue na mesma direção, fala da mesma ferida: "Às vezes é difícil acreditar em tudo o que resta em mim do homem que sou. É muito mais do que eu esperava. E quando digo isso, não quero cair na paranoia ou na autoflagelação cristã. É só que, por excesso de confiança em mim mesmo (uma coisa certamente muito masculina), acabo sempre acreditando que terminei meu trabalho: aqui está, fiz, mudei. Como se estivesse enganando meu psicanalista ou algo do tipo. E, bem... as situações, os sentimentos, as pessoas ao redor... estão me ensinando que, pelo contrário, quantas vezes mais vou fazer besteira. Quantas vezes mais vou me olhar no espelho e ver coisas que não gosto. Mas não me torturo por isso, pelo contrário, saber que ainda tenho coisas a fazer, coisas a mudar, significa saber que ainda estou vivo, que o sangue corre e quando acordo há sol, e tudo isso me ajuda a ver coisas novas que talvez antes nem tivesse percebido. Para mim, isso é viver".